

A FORMAÇÃO LINGÜÍSTICA DO ALFABETIZADOR

Maria Tasca

Professora de Lingüística da PUCRS

A qualidade do produto avalizado pela escola de hoje é questionada em todos ou em quase todos os setores da sociedade. Uma ligeira análise das condições do cidadão egresso dos diferentes graus de ensino é capaz de deixar entristecido qualquer cidadão de cultura mediana. O discurso do fracasso do ensino adquiriu o estatuto de lugar comum. Há mais de vinte anos que as autoridades do setor educacional nomeiam comissões para analisar e/ou resolver o propalado fracasso. Inúmeros são os fatores responsabilizados pela geração do fracasso, desde as condições sócio-econômicas das famílias até o preparo técnico do professor, passando pelos desajustes do próprio sistema brasileiro de ensino. No entanto, apesar dessa notória conscientização, mais parece que estamos brincando de "faz-de-conta" ou de "telefone-sem-fio".

Dentre as medidas que se impõem para um efetivo exercício de saneamento, uma deverá consistir em ultrapassar os limites do "dizer" para dar corpo ao "fazer". E, acima de tudo, de "como fazer". É uma tarefa, sem dúvida, de proporções gigantescas. Tanto em termos quantitativos, uma vez que será necessário o concurso de muitas pessoas, quanto em termos qualitativos, já que se faz mister "mexer" com a cabeça dessas pessoas. Contudo, precisamos assumi-la, ainda que pareça uma utopia. Poderemos, então, acreditar na utopia e, em cada setor de especialização do ensino, dar início às obras do "aterro", não obstante todas as vozes nos garantirem que faltará "cimento" e "mão-de-obra".

Um dos setores mais necessitados de uma intervenção de urgência é, como sabemos, a alfabetização. Sem entrarmos no mérito das implicações sócio-econômico-culturais que envolvem o assunto, vamos nos referir aqui à formação do profissional que alfa-

betiza ou que planeja e orienta o processo da alfabetização. Quem é este profissional? Donde vem? Sabemos que, de um modo geral, é o cidadão egresso do curso de magistério, antiga escola normal. Sabemos também que sua formação tem sido eminentemente pedagógica, isto é, com ênfase nos aspectos metodológicos. Sabemos, ainda, que a bagagem cultural dos normalistas que se formam atualmente difere, em muito, da dos normalistas formados há vinte, trinta ou quarenta anos atrás. Mas o que sabemos, acima de tudo, é que, na maior parte dos casos, a formação do alfabetizador não é adequada ou é insuficiente para o exercício da alfabetização. Sim. É isso mesmo. A grande maioria dos alfabetizadores e orientadores da alfabetização não está em condições de conduzir, adequadamente, o delicado processo que é a alfabetização. E por quê? A resposta é simples. É problema de concepção; isto é, de se compreender a natureza da alfabetização. É forçoso admitirmos que a questão central da alfabetização é a linguagem. Portanto, se o processo é de natureza eminentemente lingüística, a consequência primeira é que os profissionais do setor necessitam de sólidos conhecimentos lingüísticos e psicolingüísticos. Somente esses conhecimentos poderão ajudá-los a compreender como a linguagem funciona e que tipo de operações a criança realiza para apropriar-se da língua, quer na modalidade oral, quer na modalidade escrita.

O leitor que nos acompanha poderá nos argüir, afirmando que, desse modo, o alfabetizador ou quem o orienta teriam que ser lingüistas. Diríamos que sim. Ao menos naqueles aspectos concernentes ao seu trabalho. Esse ponto de vista, além de ser defendido há várias décadas, é do consenso dos lingüistas e psicolingüistas não só no Brasil, senão em muitos países, inclusive na América Latina. Até alguns setores da pedagogia já admitem que deverão ser tomadas providências nesse sentido. De pouca valia será para o alfabetizador o conhecimento de todos os métodos ou das metodologias mais modernas, se ele desconhece a essência do objeto com que trabalha e as formas como ele se processa. Ao fazer tais afirmações, não pretendemos minimizar a necessidade de uma boa formação pedagógica; antes, entendemos que a pedagogia da alfabetização terá que se apoiar nos pressupostos das ciências da linguagem. Precisamos, sim, de uma pedagogia sábia, mas não de pedagogismo. A esse respeito, lembramos um posicionamento de um dos membros do Conselho Federal de Educação, Dom Almeida Prado, chamando a atenção para a "mania pedagogista" que im-

pregna boa parte da educação atual. O citado educador, referindo-se ao desvirtuamento da pedagogia, menciona um alerta do lingüista francês, Jean-Claude Milner, para quem existe uma tendência em voga nas escolas de subestimar a aquisição do conhecimento, o aprendizado de saberes específicos para, em lugar disso, promover a integração social, a atmosfera familiar, o bom convívio afetivo. Desse modo, a expressão "transmissão de conhecimentos" tornou-se ultrapassada, quando não proibida em alguns setores da educação. Do professor já não se exigem conhecimentos, é suficiente que ele saiba dinamizar a sala de aula, que ele seja um animador.

Para ser um alfabetizador competente é preciso ter conhecimentos técnicos sobre a linguagem e a língua. Esses conhecimentos, como dissemos, permitirão ao professor compreender o modo segundo o qual as crianças constroem hipóteses para a aquisição da língua escrita ou falada. Esses conhecimentos permitirão ao professor compreender que a tarefa da alfabetização não se reduz à mera decodificação de símbolos, mas consiste, principalmente, na captação de significados. Esses conhecimentos permitirão ao professor compreender que a construção do processo da alfabetização começa antes ou bem antes de a criança se deparar com o alfabetizador. Enfim, e para não esgotar todas as utilidades desses conhecimentos, podemos resumir dizendo que eles estarão sempre presentes na atividade do alfabetizador, quer no estabelecimento dos objetivos, na elaboração do material didático, na escolha da metodologia. Mas, o fundamental é que esses conhecimentos permitirão ao docente ter uma postura adequada ao observar, analisar ou avaliar a produção dos alfabetizandos. Esses conhecimentos poderão contribuir para evitar o fracasso.



Av. Bento Gonçalves, 4080

Telefone: 26-8300

RAMAL PUC 113

CEP. 90.620 — PORTO ALEGRE — RS — BRASIL